

Resumir é apresentar certo conteúdo, quase sempre escrito, de modo seletivo e breve.

Um resumo deve ser:

- ✓ **Conciso**, obviamente: corte, quando não forem determinantes ao assunto principal, os exemplos dados pelo autor, detalhes/dados secundários.
 - Em textos narrativos, convém eliminar os discursos diretos – dê preferência aos discursos indiretos, pois são mais econômicos; é preciso mencionar: fato/ação principal, personagens principais (por vezes, é possível eliminar figurantes), além de compor o lide: o quê?, quando, onde e como?, por quê (se houver justificativa)? e desfecho.
 - Em passagens descritivas, convém economizar, o quanto possível, adjetivos e advérbios, sobretudo os repetidos ou inexpressivos.
 - Em textos dissertativos, comece grifando as palavras-chave (substantivos e verbos) de cada parágrafo ou sentença; detecte o assunto/a questão central e o ponto de vista do autor sobre o assunto; veja se há intercalações desnecessárias (advérbios e adjetivos) ou excesso de organizadores textuais (conjunções), e corte-os; faça um apanhado dos principais argumentos pertinentes ao assunto central.
- ✓ **Pessoal**: escrito, o quanto for possível, com palavras próprias; é o resultado da sua leitura do texto-base.
- ✓ **Logicamente estruturado**: um resumo não é apenas um apanhado de frases soltas. Ele deve trazer as ideias centrais do texto-base, de preferência na ordem em que foram apresentadas. Cuidado com a coesão textual – o uso correto das conjunções, preposições e pronomes.

IMPORTANTE: O resumo não comporta comentário/opinião acerca do tema nem do posicionamento adotado pelo autor do texto-base.

COMANDO: Imagine que você seja o redator de uma revista de grande circulação, e tenha de enviar o texto abaixo para a Redação. Ocorre que o espaço destinado a publicações desse tipo de matéria é limitado, e cabe a você fazer um **RESUMO** do texto. Escreva até 15 linhas.

Cervejaria tritura aves com cevada. Papa Francisco apoia Trump. Maioria de votos nulos cancela eleição. China desenvolve ovos de plástico. Chá de casca de cebola é a cura para a Covid-19. A rede varejista Lojas Renner anunciou que fechará todas as lojas no Brasil, Argentina e Uruguai. Esses recortes, ainda que, à primeira vista, pareçam verdadeiros, dada a notável verossimilhança entre eles e a realidade por que passamos, estão todos correlacionados: todos são falsos – fake news – e, apesar disso, como tudo nas redes sociais, espalharam-se rapidamente, num átimo de segundo. Em nome do alarmismo, da chacota e da pseudo liberdade de expressão, como amplamente divulgado pelas mídias televisivas, no Brasil e no mundo, o volume de boatos que circula nas redes sociais, sobretudo em época de eleições, tem incomodado não só pessoas físicas, mas também jurídicas, sem que o responsável (os responsáveis – nunca se sabe quantas quadrilhas há pelo mundo afora) pela fake, apelido bonitinho a boato criminoso, seja punido. Sem dúvida nenhuma, e ingênuo quem disser o contrário, a situação ainda se agrava tendo em vista o fato de grandes portais de notícias contribuírem com tudo isso, o que não é segredo a ninguém, se minimamente informado. Então, por essa e por outras razões, é necessário cautela, muita cautela mesmo: nem tudo o que tem formato de notícia é, realmente, notícia, o que reclama soluções emergenciais, sob pena de retrocessos irreparáveis.

Com efeito, os internautas, obviamente os desavisados, diante de um fake, trocam a marca da cerveja costumeira. Em contrapartida, os mais sagazes, sobretudo os marqueteiros, aqueles que, em ano eleitoral, são contratados a preço de ouro, para fazer brilhar o moral de um, que nem sempre é natural, mas habilidosamente fabricado, e empoeirar o moral de outro, por vezes inocente feito criança de berço, o que é motivo de imensa preocupação, inclusive, do Tribunal Superior Eleitoral. E nesse remoinho absurdo e quase que inacreditável estão os eleitores de boa fé, feito eu, feito você, acreditando nas incontáveis pesquisas de opinião, quase sempre, fraudadas, e no perfil criminoso do candidato Fulano de Tal, casado com a madame Cicrana de Tal e Tal.

Tudo isso, em grande parte, pode ser atribuído aos portais virtuais de notícias, que, contrariando a moral, a ética e o bom senso, há tempos, deixaram de ser veículos de informação em favor das aspirações públicas, e passaram a ser ferramentas institucionalizadas em favor de interesses privados, obviamente ao custo de patrocínios gigantescos. É inegável: a mentira, sem grande esforço, esconde-se atrás do pano da liberdade de expressão, de imprensa e de tantas outras liberdades que, dizem, também mentindo, são asseguradas pela Constituição. E o mais grave: ultimamente, contrariando os sábios ensinamentos que nos legaram a tradição, as mentiras contadas mil e uma vezes estão se tornando verdades quase cristalinas. Lamentável, meu caríssimo leitor! Lamentável.